

OS NÚCLEOS DE COLONIZAÇÃO OFICIAL IMPLANTADOS NO PLANALTO PAULISTANO EM FINS DO SÉCULO XIX

Juergen Richard Langenbuch

Em 1877 o governo imperial houve por bem instalar quatro núcleos coloniais em torno da cidade de São Paulo: Santana, Glória, São Caetano e São Bernardo. O poder público com tal política visava especificamente o povoamento e a produção agrícola dos arredores paulistanos.

A iniciativa não era inédita. No próprio Planalto Paulistano já se havia tentado a colonização, através do estabelecimento de famílias alemãs na "Colônia de Santo Amaro" em 1892, com resultados bastante precários. Veja-se a respeito o excelente trabalho de Edmundo ZENHA [29]. Por outro lado, a colonização visando especificamente os arredores de uma capital provincial já vinha sendo adotada desde 1867 com relação a Curitiba [5, p. 271].

De modo geral, a importância dos núcleos coloniais do Planalto Paulistano se define pelo papel que representaram na época em que foram instalados, papel nada desprezível como se verá. Na ocasião, São Paulo estava no alvorecer de seu grande crescimento: as colônias participaram ativamente no processo de reorganização dos arredores paulistanos, que viam suas relações com a cidade modificadas e intensificadas, passando a se estruturar diretamente em função da cidade em expansão. Outrossim, os dois principais núcleos, o de São Caetano e o de São Bernardo, propiciaram, ao lado de outros fatores certamente mais ponderáveis, a intensa industrialização que afetou toda a área hoje conhecida por "A.B.C." (iniciais dos três grandes municípios suburbanos da área, respectivamente, Santo André, São Bernardo do Campo e São Caetano do Sul), o mais desenvolvido setor suburbano de São Paulo.

Para melhor situar no tempo o fato em estudo, convém expender algumas palavras a propósito da cidade de São Paulo de então. No ano de 1874 a população do município de São Paulo se restringia à modesta cifra de 23.253 habitantes, segundo Manoel Eufrásio de Azevedo MARQUES, [9,

* Trabalho recebido em setembro de 1988

II, p. 116]. A população efetivamente urbana era ainda muito mais diminuta, pois o então município da Capital, embora não abrangesse ainda Santo Amaro (que somente algumas décadas após lhe seria anexado), compreendia áreas hoje integradas por vários dos municípios vizinhos: Mairiporã, Guarulhos, São Caetano do Sul, Santo André, São Bernardo do Campo, etc.

Planta levantada alguns anos após, ou seja, em 1881, retrata a extensão que tinha o modesto burgo paulistano por ocasião da fase de implantação dos núcleos coloniais [7]. A zona de urbanização compacta da cidade se restringia à porção do atual centro sita a Leste do vale do Anhangabaú. A porção sita do outro lado, então conhecida por Morro do Chá, que fora arruada e loteada em 1876 [13, p. 123], já se achava bastante edificada. O mesmo se verificava com o bairro de Santa Ifigênia. Contiguamente, a Nordeste, Campos Elíseos já se achava arruado, mas ainda não edificado. No lado oposto, o bairro da Liberdade se limitava a alguns quarteirões, pouco se distanciando da atual praça homônima. Do outro lado da várzea do Carmo (atual Parque D. Pedro II), estendia-se o bairro do Brás, circuncrevendo-se praticamente a dois eixos lineares, correspondentes à atual avenida Rangel Pestana (ex-rua do Brás) e à rua do Gasômetro. O casario já ultrapassara as estações do Brás e Norte (atual Roosevelt). Ao Norte e a Sudoeste, respectivamente, os trechos iniciais das estradas de Bragança e Sorocaba (correspondentes às atuais avenidas Tiradentes e Consolação) prolongavam linearmente o casario urbano, não ultrapassando, contudo, a Ponte Pequena e o Cemitério da Consolação.

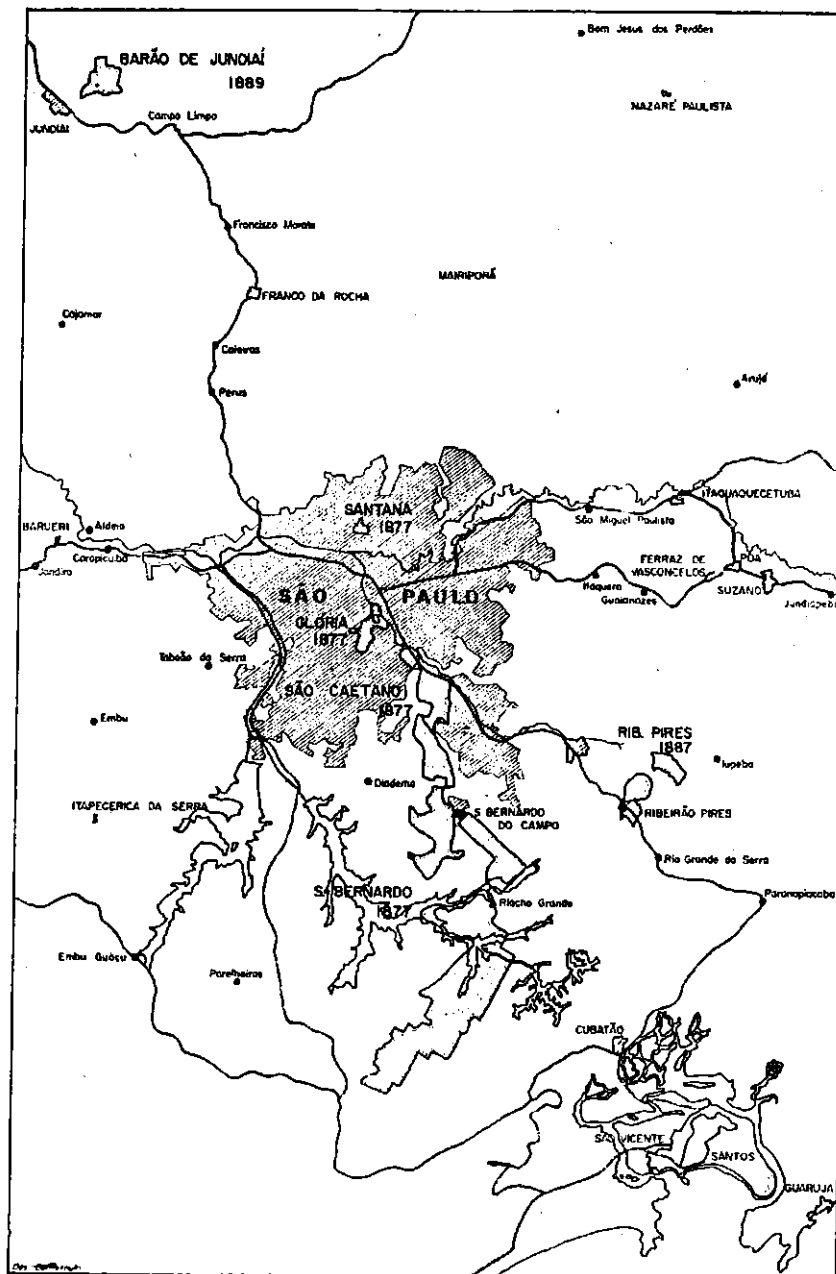
Este ainda modesto burgo estava, porém, em plena explosão de crescimento. Em 1886 a população do município da capital ascende a 44.033 habitantes, [6, p. 9, 12], elevando-se a cifra a 239.820 em 1900 [17]. É em correlação com este contexto de desenvolvimento urbano que se verifica a implantação dos núcleos coloniais.

A decisão de implantar núcleos coloniais nos arredores paulistanos é anunciada pelo Ministro da Agricultura em 1877: "O govêrno promove o estabelecimento de imigrantes nos arredores da capital de São Paulo a exemplo do que fez em Curitiba aproveitando para êste fim os terrenos que o Estado possui em Sant' Anna e na Glória, e a extensa zona de terras pertencentes ao mosteiro de São Bento situadas

COLONIAS OFICIAIS

INSTALADAS EM SÃO PAULO E ARREDORES

NO ÚLTIMO QUARTEL DO SÉCULO XIX



■ NÚCLEOS COLONIAIS

1877 Ano de sua fundação

■ Sede dos núcleos

■ Aglomerados urbanos atuais

— Ferrovias atuais

20 Km 0 5 10 20 Km

Mapa base: Folha Topográfica de São Paulo - 140. Escala 1:250.000

nas proximidades da referida cidade, e cuja aquisição espero realizar . . .” [18]. No mesmo ano, em 2 de julho [19] são instalados os quatro núcleos de Santana, Glória, São Caetano e São Bernardo, êstes nas antigas fazendas jesuíticas homônimas e aquêles, respectivamente, no que restara da antiga Fazenda de Santana e na Chácara da Glória. A sua localização e configuração precisa consta no mapa que acompanha êste trabalho, e que foi possível construir através de cópia, redução e inserção no mapa topográfico, de mapas dos núcleos, conservados no Departamento de Imigração e Colonização do Estado.

No tocante à sua localização com relação à cidade de São Paulo, os núcleos se diferenciam bastante entre si. O núcleo da Glória apresenta uma situação que, dentro de alguns anos, iria se caracterizar como urbana, e seria absorvido pela expansão da cidade. O núcleo de Santana, por sua vez, se situava em área que em breve seria alvo da expansão urbana através do desenvolvimento do nascente bairro de Santana. Já São Caetano e São Bernardo se localizavam a distâncias maiores, sobretudo êste último.

Quanto à dimensão dos núcleos os contrastes são igualmente grandes. O núcleo colonial de Santana, o mais setentrional, era o mais diminuto, compreendendo apenas uma pequena parcela do atual bairro homônimo. Estendia-se em forma esquemáticamente triangular entre a atual rua Dr. César (ex-Dr. Cerqueira César) que constituía o seu limite meridional, e local onde posteriormente o “Tramway da Cantareira” estabelecia a parada Chora Menino (posteriormente Santa Teresinha da Cantareira, recém-suprimida junto com a ferrovia). O núcleo colonial da Glória era bem maior, e cobria os atuais bairros do Cambuci, Vila Deodoro, Jardim da Glória e parte da Vila Mariana (rua Machado de Assis). O núcleo São Caetano corresponde em grosso modo ao atual município de São Caetano do Sul. O núcleo colonial São Bernardo, contíguo em seus limites setentrionais ao de São Caetano, era o mais extenso, cobrindo nada menos do que 11.046,65 hectares (superfície constante expressamente na planta do núcleo, levantada em 1818). Além de sua grande dimensão caracterizava-se por uma acentuada fragmentação territorial. Cobria grande parte do atual município de São Bernardo do Campo, compreendendo tanto o distrito-sede, quanto o de Riacho Grande. Êste núcleo foi

o único dos quatro a ser dividido em seções ou linhas, em número de treze.

Em vista da importância que na ocasião se emprestava à imigração e à colonização e ainda por se tratar de iniciativa governamental, os relatórios anuais do Ministério da Agricultura e os da correspondente secretaria estadual (posteriormente a 1889) apresentam fartos dados numéricos a propósito dos núcleos. Contudo, nota-se uma grande discordância entre os dados de fontes diferentes, e entre os apresentados em anos consecutivos. Neste caso, as discrepâncias são tamanhas que não podem ser atribuídas a processo evolutivo. Para exemplificar o primeiro caso, tome-se o "Relatório do Ministério da Agricultura", de 1888, referente a 1887, compulsado pelo viajante Raffard [16, p 211], e se compare os dados apresentados com os do Relatório da Comissão Central de Estatística, referentes ao mesmo ano [6, p. 69/70]: ocorrem discrepâncias enormes. Quanto às grandes diferenças existentes entre anos consecutivos, o fato é reconhecido no Relatório da Secretaria da Agricultura de 1894, que procura explicar o ocorrido por "omissões cometidas pelo empregado encarregado" [24, anexo LEANDRO DUPRÉ].

RAFFARD, viajante especialmente interessado em assuntos ligados à colonização, dá as suas impressões a respeito dos quatro núcleos, todos por ele visitados. A propósito dos dados numéricos que apresenta, cabe apreciá-los com ressalvas quanto à sua exatidão, em vista do exposto no parágrafo anterior. Eis os trechos mais interessantes da narrativa de Raffard:

"Em Fevereiro de 1877 o ministro d'agricultura, instituiu uma comissão para tratar da fundação das colônias que foram estabelecidas no mesmo anno, sendo localizadas 33 famílias ou 168 pessoas em Sant' Anna nos mezes de Junho e Julho; 20 famílias e 3 solteiros perfazendo 88 individuos em Agôsto na Glória; 26 famílias ou 118 pessoas em S. Caetano desde Agosto até Dezembro, e de Setembro a Dezembro 109 famílias, ou 459 em S. Bernardo. Sant'Anna e Glória foram emancipados a 30 de Novembro de 1878, sendo os colonos libertados da tutella official para que diminuisssem e afinal cessassem as despesas do Estado, isto talvez, um pouco precipitadamente pois que os immigrants recém-chegados necessitam conselhos por algum tempo."

“Em Julho de 1878, nada se parecia menos a uma colônia que o campo da Glória para o qual se penetrava passando por um largo portão que difficilmente se chegava a descobrir, os transeuntes interrogados ignorando o que se procurava.”

“Ahi voltando, no dia de S. João de 1879, encontrei quatro lotes cercados com casas assás regulares, que substituíram os primitivos ranchos, alguma batata e outras poucas plantas em cultivo; vi mais um lote aberto e sem trato, cujo possuidor, sentado na porta de sua habitação e tendo na boca um grande cachimbo, informou não querer trabalhar em vão, como no anno anterior em que durante uma noite tudo quanto tinha fôra destruído pelas vaccas dos visinhos — consequencias da prematura emancipação do núcleo.”

“Idêntica conclusão tive ensejo de tirar em Sant’ Anna, onde fui... em 1878 ou 1879, os lotes estavam de alguma sorte abandonados, porém muito frequentada era a casa de um colono que tinha sortimento de bebidas ou uma especie de venda...”

“O nucleo da Glória, apenas a 3 kilometros de S. Paulo, entre o Lava-pés e o morro do Ypiranga, cortado por uma das estradas para Santos, foi dividido em lotes, sendo 122 ruraes e 106 urbanos, alguns dos quaes deram lugar a reclamações por parte de terceiros que tiveram de submittê-las ao juiz commissário do governo, bacharel Augusto José e Silva, e posteriormente os demais foram vendidos em hasta publica.”

“O nucleo de Sant’ Anna, a 4½ kilometros da estação da ferrovia inglêza e cerca de dois da ponte grande sôbre o rio Tiete, onde agora chegam os tramways, comprehendia 155 lotes urbanos com 27 casas provisórias e uma hospedaria para os immigrants; foi inaugurado por italianos, austriacos, alguns francezes e brasileiros...”

“A grande proximidade da Paulicéia permitindo aos homens de ahi procurarem trabalho a salários e as mulheres de venderem hortaliças, carvão e lenha, ou tomarem roupa para lavar, era por isto natural que durante o dia os lotes de Sant’ Anna e da Glória se achassem quasi desertos...”

“A colônia de S. Caetano que também visitei em 1879, então já era bem interessante — a capelinha ro-

deada de umas 17 casas com boas hortas, três fornos para tijolos, telhas e louças, tudo tinha risonho aspecto n'este nucleo a 10 kilometros da capital, com uma população quasi toda italiana, sendo a decima parte brasileira...

"Em 1879 fui pela primeira vez visitar S. Bernardo..."

"Para melhor organização d'este nucleo o governo havia adquirido também as terras do finado alferes Francisco Martins Bonilha, cavalleiro da Ordem de Christo, que deixára boa plantação de chá e respectiva fabrica, bem como alguns carneiros a cuja criação se dedicara..."

"A séde da freguesia de S. Bernardo possuia bonita igreja, 16 casas regulares e 15 casinhas..."

"Passeando por diversos lados da colonia admirei bonitas roças de milho, grandes mandiocaes e mais culturas dos colonos... A colonia estava dividida em 48 lotes urbanos e 177 ruraes."

"N'estes lotes, servidos por caminhos regulares, vimos modestas cabanas e paioes, bem como instrumentos aratorios, moinhos com turbinas, etc."

"S. Bernardo tinha tantos brasileiros quantos italianos, alguns austriacos e poucos prussianos. Apesar da distancia os pedreiros, marceneiros e mais artistas trabalhavam na Paulicéa, regressando ao sabbado para passarem o domingo com a família."

"A maior parte dos colonos compunha-se entretanto de agricultores, que se mostravam alegres e satisfeitos, alguns solicitavam os meios para mandarem vir os parentes."

"Os lotes urbanos dos quatro nucleos tinham — 4,840m. q. e os ruraes 151,250 m. q.; os de Sant'Anna e Glória não tinham terras boas para cultura e as de S. Caetano e S. Bernardo eram regulares..."

"Como quer que seja, e conquanto não tivessem faltado obstaculos ou embaraços a vencer, seja ao governo, seja migrantes, certo é que os alludidos quatro nucleos foram aos irrelativamente bem succedidos" — [16 p. 209/213].

Da narrativa de Raffard há alguns aspectos a salientar, eis que encerram importantes características da colonização official dos arredores paulistanos, que convém ressaltar —

acrescentando informações de outras fontes, quando fôr o caso.

I — Os dois núcleos mais próximos da cidade, Santana e Glória, adotaram atividades econômicas diretamente voltadas para o abastecimento urbano através da horticultura, da extração de lenha, fabrico de carvão, e correlato fornecimento à cidade, bem assim através da prestação de serviços à população urbana, tais como a lavagem de roupas.

II — Tanto o núcleo de Santana quanto o da Glória assumiram também função de subúrbio residencial da cidade de São Paulo, uma vez que a distância relativamente pequena permitia migrações pendulares. Já os colonos de São Bernardo que desempenhavam profissões urbanas em São Paulo, devido naturalmente à maior distância, apenas passavam os fins de semana em casa.

É fácil de se compreender o fato. Entre os imigrantes havia sempre um importante contingente de não agricultores, para quem uma cidade em notável ritmo de crescimento, caso de São Paulo na época, oferecia um mercado de trabalho muito mais atraente. Por outro lado, o trabalho urbano oferece maiores atrativos a colonos de profissão pouco definida do que o trabalho na lavoura, mormente na fase inicial da plantação colonial.

III — Percebe-se pela narrativa que às sedes dos dois núcleos mais afastados correspondem dois aglomerados. Um deles se originou da colonização: São Caetano, “com capelinha rodeada de umas 17 casas . . .”; o outro — São Bernardo — se rejuvenesceu graças à colonização. Este último, antiga freguesia, estaria fadado a decair acentuadamente, não tivesse se tornado sede do principal dos núcleos coloniais. Com efeito, tendo conhecido acentuada especialização funcional como pouso de tropas, perdeu este papel com a inauguração da estrada de ferro Santos a Jundiá em 1867, cujo traçado passava a sete quilômetros dali, e que capturou quase todo o transporte efetuado entre São Paulo e Santos.

IV — Percebe-se o caráter precário da colônia da Glória, que se torna patente também através dos relatórios oficiais. O “Relatório do Ministério da Agricultura” de 1879 menciona o problema dos “posseiros” e cita que “a cultura consiste em feijão, milho e hortaliças não passando de ensaio”, referindo-se em seguida às atividades de natureza urbana dos colonos a que alude Raffard [20]. O

Relatório de 1880, mais lacônico, diz que "a cultura é escassa" repetindo as observações a propósito das atividades urbanas [21]. O recenseamento dos núcleos coloniais efetuado em 1887 exclue o da Glória [6, p 69-70] o que parece indicar que o mesmo já se havia descaracterizado como tal, pois o fato de já ter êle sido emancipado não pode constituir a causa da omissão, uma vez que o de Santana — que também o fôra — nêle figura. Renato da Silveira MENDES, ao se referir à colônia da Glória, fala no "fracasso daquela tentativa colonizadora" [12, p. 262]. A planta de São Paulo de 1894 [14] mostra a maior parte da área correspondente aos antigos lotes rurais arruada.

O que teria determinado o fracasso dêste núcleo? Provavelmente a grande proximidade da cidade tenha sido um fator geográfico ponderável a agir neste sentido. Por um lado, a atração exercida pelo mercado de trabalho urbano sôbre os colonos deve ter sido maior do que nos outros núcleos, em função da proximidade. Por outro lado, pela mesma razão, a área teria que sofrer a pressão da cidade em expansão. As condições topográficas da maior parte do núcleo, também não eram as mais favoráveis para as práticas agrícolas, em vista do relêvo acidentado, abundando encostas bastante íngremes. Mas, fatores de natureza não geográfica devem ter influido também, como a presença de posseiros, que como se viu causavam problemas.

V — Em sentido oposto, a narrativa da RAFFARD nos deixa uma impressão favorável com relação ao núcleo São Bernardo. Relatos oficiais e o ulterior desenvolvimento do núcleo confirmam-na e nos levam à conclusão de que êste núcleo foi bem sucedido; dos quatro foi provavelmente o que melhor preencheu suas finalidades.

Com efeito, o relatório da Secretaria da Agricultura de 1893 assim se refere ao núcleo de São Bernardo: "É um dos mais florescentes e prosperos do Estado de São Paulo..." Adiante acrescenta. "A sede que constitui a atual villa de

São Bernardo foi dividida em pequenos lotes urbanos nos quaes já estão construídas pelos proprietários grande número de excelentes casas de tijolos com tal gosto e capricho que dão a aprazível localidade uma aparência bem diversa daquella das nossas pequenas villas do interior. É sempre crescente allí o desenvolvimento comercial e industrial" [23]. No ano de 1894 foi aberta uma nova "linha", a de Bernardino de Campos [24], o que atesta o progresso da colonia São Bernardo. Posteriormente ainda seriam criadas as "linhas" Dr. Campos Salles e Curucutu (estas duas linhas figuram na planta do núcleo, levantada em 1918). Em 1898 as "linhas" sitas no atual distrito de São Bernardo do Campo foram "emancipadas", permanecendo no regime colonial as "linhas" sitas no atual distrito de Riacho Grande.

No ano de 1887, dez anos após sua fundação portanto, fêz-se um recenseamento dos núcleos coloniais, que permite uma avaliação quantitativa e qualitativa. Como vimos, o mesmo não considerou mais o núcleo da Glória. Convém lembrar novamente que os dados diferem dos apresentados no respectivo relatório ministerial. Em se tratando de recenseamento, fomos levados a dar maior crédito aos dados por êle apurados e que figuram no relatório da Comissão Central de Estatística [6, ps. 69/70].

Segundo o citado recenseamento, a situação demográfica era a seguinte:

População dos Núcleos Coloniais em 1887	Núcleos coloniais			TOTAL				
	S. Bernardo	S. Caetano	Santana					
Italianos	601	68%	157	63%	94	69%	852	67%
Outros estrangeiros	29	3%	—	0%	3	2%	32	3%
Brasileiros	250	28%	94	37%	39	29%	383	30%
POPULAÇÃO TOTAL	880	100%	251	100%	136	100%	1.267	100%
Agricultores	435	73%	137	97%	60	67%	632	77%
Comerciantes	25	4%	1	1%	1	1%	27	3%
"Artistas" e operários	51	9%	3	2%	3	3%	57	7%
"Industriais"	12	2%	—	—	18	20%	30	4%
Outras Profissões	71	12%	—	—	7	8%	78	9%
POPULAÇÃO ATIVA	594	100%	141	100%	89	100%	824	100%

Fonte: Comissão Central de Estatística: Relatório

Os dados salientam, entre outros aspectos, a supremacia do núcleo de São Bernardo, que encerra 69% do total de colonos. Fica patente também o caráter italiano dos nú-

cleos, eis que a proporção desta nacionalidade é superior a 60% em todos os núcleos. Entre os brasileiros figuram certamente descendentes dos primeiros imigrantes. Nota-se também a supremacia dos agricultores, constituindo minoria os colonos de profissões urbanas. É de se crer que na rubrica "agricultores" tenham sido incluídos os colonos devotados a qualquer tipo de trabalho rural inclusive o extrativismo.

O citado recenseamento menciona em complementação: "Tendo entrado, ainda no anno de 1887, mais 419 imigrantes, fica elevada a população total dos núcleos a 1.685 habitantes". [6, pp. 69/70]. Isto mostra que os núcleos ainda continuavam a atrair imigrantes. Esta citação leva a crer, por outro lado, que o recenseamento em si se refira ao princípio de 1887, ou mesmo ao ano de 1886, o que permite a comparação da população dos núcleos com a das freguesias a que pertencem, as quais foram recenseadas em 1886 [6, p. 9].

São Bernardo e São Caetano se situavam na freguesia de São Bernardo, que no dito ano contava com 3.667 habitantes. A população dos dois núcleos correspondia portanto a 31% do efetivo demográfico local. Santana se situava na freguesia de Nossa Senhora do Ó [26, p. 383], que em 1886 contava 2.750 habitantes. A população do núcleo colonial correspondia portanto a apenas 5% deste total. Esta simples constatação revela a modesta participação dos núcleos coloniais no povoamento dos arredores paulistanos, mesmo em escala local. A participação dos núcleos dos arredores paulistanos foi também mínima com relação ao total dos imigrantes entrados na província de São Paulo. Na época em questão, a imigração ao estado comportou 2.743 pessoas em 1882, 4.912 em 1883, 4.879 em 1884, 6.500 em 1885, 9.536 em 1886 e 33.310 em 1887 [8, p. 67]. Basta comparar estas cifras com a dos habitantes das colonias para se comprovar o afirmado.

Ora, se a contribuição das colonias foi tão modesta ao povoamento do planalto paulistano, o mesmo não ocorria no tocante a sua produção agrícola. Além do já referido papel no fornecimento de víveres à Capital, os núcleos tiveram uma participação de destaque no desenvolvimento de nova atividade agro-industrial nos arredores paulistanos: trata-se da viti-vinicultura. Até então essa era praticada de modo restrito, em algumas chácaras e sítios nas circunvizinhanças de São Paulo. O Almanaque de LUNÉ e FONSECA (de

1873) [8, Suplemento, p. 80] cita seis produtores, que são também mencionados por Antônio Egydio MARTINS [10, II, p. 67] (vide a respeito Dirceu Lino de MATTOS [11, pp. 16/22]). A viti-vinicultura ganha incremento durante a década de 1880, a ponto de, em 1888, já ser “o principal ramo da lavoura do município (de São Paulo)” segundo o relatório da Comissão Central de Estatística. Este aduz: “Ainda que iniciada há poucos annos a cultura da vinha apresenta já notável desenvolvimento” [6, p. 341]. Em outra parte o citado relatório, referindo-se ao conjunto da província de São Paulo, diz: “É a cultura da vinha o mais novo ramo da indústria agrícola da província. Iniciada há poucos annos, a viticultura já se mostra em condições animadoras tendendo a tomar grande desenvolvimento”. Adiante acrescenta: “Por enquanto toda a produção é consumida na provincia sendo o vinho bastante procurado, em consequência de sua pureza e modicidade relativa de preço, o qual varia entre 500 e 1\$000 réis, por litro. A produção em 1886 foi aproximadamente de 3.000 pipas (1.260 kilolitros) tendendo a tomar notável desenvolvimento, a julgar pelo número das plantações novas e pelo entusiasmo que se nota pela cultura. Presentemente os principais municipios produtores são os seguintes: Capital, Tietê, Mogy das Cruzes, S. Roque, Itatiba, Una, Sorocaba, Cajuru e Cunha” [6, p. 255]. Na realidade o município da Capital era o maior produtor, pois no ano subsequente ao citado, isto é 1887, sozinho produzia 2.500 pipas [6, p. 341]. As informações contidas nos verbetes do “Relatório”, referentes aos demais municípios também conduzem a esta conclusão [6, “Terceira Parte”].

Ora, no ano de 1887 os três núcleos coloniais dos arredores paulistanos (integrantes do município da capital) produziram 11.462 pipas de vinho, correspondendo portanto a 58% da produção municipal [6, p. 70]. A importante participação destes núcleos na viti-vinicultura não apenas paulistana, mas também paulista, é portanto nítida: os núcleos coloniais se caracterizavam como os principais centros viti-vinicultores da província. O incremento desta atividade obviamente se relaciona com a introdução de imigrantes mediterrâneos, quer nos núcleos coloniais — onde puderam aplicar seus conhecimentos — quer na cidade de São Paulo e no interior da província — onde, em função de seus hábitos alimentares, passariam a formar importante mercado consumidor.

De resto, a viti-vinicultura se havia tornado a atividade agrária largamente predominante nos três núcleos coloniais, como se depreende dos dados do recenseamento já mencionado atrás. Veja-se a participação do vinho no valôr da produção de 1887:

Núcleo	Vinho	Total da produção
S. Bernardo	144:225\$000 76%	188:883\$000
S. Caetano	64:245\$000 75%	85:101\$400
Santana	10:905\$000 82%	13:240\$600
TOTAL	219:375\$000 76%	287:225\$000

Fonte: Comissão Central de Estatística: Relatório

Como outras produções, a citada fonte cita expressamente: milho, feijão, batatas, farinha, forragem e frutas diversas.

Nota-se novamente a nítida supremacia do núcleo São Bernardo, onde, a partir de 1894, uma outra atividade econômica iria adquirir grande importância. Trata-se do extrativismo vegetal. O relatório da Secretaria da Agricultura de 1897 assim se manifesta a respeito: "... em 1894 a safra (de uva) foi consideravelmente prejudicada pelo aparecimento do "phylloxera", e sendo a colônia situada em terras cujo cultivo para outros produtos é contrariado por condições climatológicas desfavoráveis, os colonos, desanimados pela devastação dos vinhos, atiraram-se às mattas, que estão sendo devastadas para extração do carvão vegetal e da madeira" [26]. Os relatórios congêneres de 1894 e 1895 já aludiam aos fatos citados, sendo que este atribue a inclinação pelo extrativismo à "pequena fertilidade das respectivas terras" [24 e 25].

No relatório de 1897, o Secretário, como se vê, encontrou uma explicação apoiada por um lado em fator aleatório, qual seja uma praga agrícola, e por outro lado em fatores fisiográficos. Na realidade, a autoridade não atinou com um fator geográfico que deve ter sido de importância capital no estímulo às atividades extrativas vegetais. A cidade de São Paulo conhecia exatamente na década de 1890 a 1900 a sua fase de crescimento mais acelerado, tendo a população do município passado de 64.934 a 239.820 habitantes, como já vimos. Ora, numa cidade com tal crescimento, aumenta-

va, entre outras, a necessidade de energia, quer, para fins domésticos, quer para suprir os estabelecimentos industriais que se multiplicavam. Note-se que na época a eletricidade era embrionária, e o combustível vegetal de emprêgo generalizado. Por outro lado, as novas construções requeriam o devido material, entre o qual a madeira desempenhava um papel de destaque, tanto para a sustentação dos telhados, quanto para andaimes. Ao mesmo tempo, numa cidade com tal ritmo de crescimento, o mercado consumidor de móveis é extremamente amplo, dado o grande número de novas unidades residenciais por mobiliar. Assim sendo, as matas dos arredores paulistanos se veriam altamente valorizadas, e seriam fatalmente atacadas para assegurar o fornecimento de lenha, carvão e madeira a São Paulo. O mesmo ocorreu, comprovadamente, em outras porções dos arredores paulistanos.

No "Planalto Paulistano" ainda foi instalado outro núcleo colonial oficial: o de Ribeirão Pires — em 1887, em terras compreendidas no atual município homônimo.

A propósito do núcleo colonial de Ribeirão Pires, convém transcrever trechos da descrição que lhe faz o relatório da Secretaria da Agricultura de 1892:

"Este núcleo, cuja fundação data de fevereiro de 1887 foi estabelecido parte em terras devolutas discriminadas pela Comissão Especial, e parte em terras gratuitamente cedidas ao Governo por Francisco de Paula Rodrigues e sua mulher."

"A sede é atravessada pela Estrada de Ferro Ingleza que ali tem uma estação, o que, auxiliado pela salubridade do clima, torna o lugar entusiasticamente procurado por abastados negociantes da praça de Santos, que de dia para dia transformam a modesta colonia em agradável refúgio ao rigor do clima da vizinha cidade com a qual a estrada de ferro põe em comunicação em pouco mais de uma hora."

"Tal era a procura de lotes urbanos de Ribeirão Pires que tomei o alvitre de não mais concedê-los e propor ao Governo a venda em hasta pública de 24 que ali se achavam desocupados. A venda por esta forma tornou-se altamente vantajosa ao Thesouro do Estado, porquanto lotes, que, concedidos de acôrdo com o regulamento não dariam mais de 15\$000, alcançaram o preço de 1:500\$000, ou cem vezes aquelle valor..."

“Devido a occuparem-se os colonos com olarias, cortes de lenha e outros misteres não tem muito aumentado a produção de cereaes...”

“A vinha perdeu-se tôda por ter sido atacada por Peronospera e não ser tratada em tempo.”

“O pagamento da divida dos colonos estabelecidos nos lotes ruraes vae se fazendo com alguma dificuldade; queixam-se êles da falta de vagões para transportarem a grande quantidade de lenha depositada na estação, e cujo producto ser-lhe-ia sufficiente para solverem seu débito para com o Governo” [22].

O relatório é bastante elucidativo . Fala-nos da modéstia do núcleo. Permite-nos compreender sua natureza funcional. Nota-se que sua organização espacial repousa numa dualidade: a atividade extrativa, tanto vegetal quanto mineral, produtora de material de construção, e a vilegiatura montanhosa, desenvolvida por habitantes citadinos de Santos. Trata-se, evidentemente, de uma justaposição de duas atividades que não apresentam nenhuma relação funcional entre si. Para a instalação de ambos, a posição geográfica foi igualmente favorável, uma vez que a colônia se situava à margem de ferrovia que une os dois polos do binômio São Paulo — Santos, ou seja, a cidade em expansão e seu pôrto. O trecho transcrito do relatório é inequívoco a propósito da importância da ferrovia para ambas as atividades.

Segundo o relatório, as condições climáticas teriam atraído os turistas santenses. Não o cremos, pois o clima local é bastante desagradável, sendo caracterizado por elevada umidade e grande frequência de nevoeiros. Neste particular, o clima è apenas melhor que o das áreas mais próximas ao rebordo planaltino, mas é completamente inconveniente se comparado com o da atual Mauá, a apenas alguns quilômetros de distância, onde as citadas características meteorológicas não ocorrem. Cremos que o fatôr essencial que tenha levado os santistas a optarem por Ribeirão Pires (e não por algum outro ponto da linha) tenha sido a facilidade de aquisição de lotes urbanos, que como o relatório mostra, eram até então cedidos quase gratuitamente.

É interessante que já tão precocemente, antes da metropolização de São Paulo, se tenham definido duas características funcionais que Ribeirão Pires guarda até hoje. A atual cidade de Ribeirão Pires se originou da sede da antiga colônia. Em 1891 o pequeno aglomerado já tinha iluminação

pública a querosene, o que denota que já tinha um certo desenvolvimento [1, p. 16].

Como pudemos ver, os núcleos coloniais dos arredores paulistanos não tiveram uma importância decisiva para o desenvolvimento da metrópole e de seus arredores; contudo seu papel não foi desprezível, sobretudo com relação a algumas facetas do processo de reorganização dos arredores paulistanos, nos primórdios da grande expansão da cidade.

Numa fase posterior, situada entre a última década do século passado e as primeiras do atual, o contingente italiano fixado em São Caetano e São Bernardo constituiu um dos fatores a propiciar a intensa industrialização de toda a área, compreendendo também Santo André. Na ocasião, o elemento nacional pouco se engajava nas nascentes atividades industriais. BANDEIRA JUNIOR em sua obra, datada de 1901, ao passar em revista os vários estabelecimentos industriais retrata o fato: tanto nas fábricas sitas na cidade de São Paulo, quanto nas implantadas em sua periferia, dominava por larga margem a mão de obra estrangeira [3]. Compreende-se assim que várias empresas industriais tenham encontrado uma vantagem em se estabelecer exatamente numa porção da periferia paulistana que conhecera a colonização estrangeira. É bem verdade, que a faixa São Caetano do Sul — Santo André aliava a esta condição favorável importantes vantagens no tocante a sua posição geográfica e a convenientes sítios de implantação industrial.

Raul de Andrada e SILVA e Antônio Rocha PENTEADO em seus estudos salientam o papel dos estrangeiros fixados em São Caetano na industrialização local. Escreve o primeiro: "O concurso de mão de obra estrangeira, facilitado pela localização de imigrantes em São Caetano, em fins do século XIX, muito concorreu para o progresso industrial da região" [28, p. 208]. Penteado assim se expressa: "A mão de obra, a princípio foi conseguida no próprio local, tal como aconteceu em São Miguel e Guarulhos, com a vantagem de lá existir um forte núcleo de italianos e seus descendentes, mais habilitados para as atividades industriais do que os elementos nacionais" [15, p. 31, grifo do autor].

Em São Bernardo, sede do maior dos núcleos coloniais e que mais tardiamente foi emancipado, a grande industrialização é recente, e pouco tem a ver, pelo menos diretamente, com os colonos e seus descendentes. Por ter sido relegado pela ferrovia, que fôra implantada no vale do Tamanduatei,

São Bernardo (antes tão convenientemente localizado no caminho para Santos) ficou marginalizado no domínio da circulação com poucas possibilidades de desenvolvimento industrial. É provável que certa parcela dos colonos e seus descendentes tenha passado a se empregar nas nóveis fábricas da próxima e florescente localidade de Estação São Bernardo, hoje Santo André. Não obstante, na própria vila de São Bernardo, ex-sede do núcleo, formou-se graças ao imigrante um ponderável potencial endógeno de desenvolvimento. Colonos italianos de São Bernardo e seus descendentes passaram a se dedicar à fabricação de móveis através de pequenos e médios estabelecimentos, ramo industrial que passou a caracterizar a vila, e ainda hoje constitui um dos traços marcantes da porção central de São Bernardo do Campo.

Note-se que de todos os velhos aglomerados dos arredores paulistanos desprezados pela ferrovia, apenas São Bernardo conseguiu progredir, embora modestamente, durante as primeiras décadas do século atual. Itapecerica, Embu, Cotia, Parnaíba, Juqueri (hoje Mairiporã) encontravam-se em estagnação, quando não em franca decadência.

A rápida e intensa expansão metropolitana fez com que a maior parte dos traços deixados pela colonização ora focalizada fossem apagados, pelo menos a um observador menos avisado. Tanto é que grande parte da população paulistana, mesmo culta, desconhece a existência ainda relativamente recente dos núcleos de colonização oficial de que tratamos. Vimos que a expansão da cidade já absorvera o núcleo da Glória nos primórdios de sua existência. Paulatinamente o mesmo passou a ocorrer com os demais, quer diretamente, através da expansão da própria cidade, por aglutinação, no sentido dado ao termo por Jacqueline BEAUJEU-GARNIER e Georges CHABOT [4] (caso de Santana), quer indiretamente, através da expansão de aglomerados suburbanos (caso dos demais núcleos).

É precisamente em São Bernardo que encontramos reminiscências mais conspícuas e mais variadas da colonização. O fato é facilmente compreensível, pois além de o núcleo aí outrora existente ter sido o maior, a área apenas em época relativamente recente foi afetada de modo intenso pela expansão metropolitana. Em São Bernardo, a população tradicional da porção central do aglomerado é em grande parte descendente dos antigos colonos. Entre outros, descenden-

te de colonos italianos o (então) atual vice-prefeito de São Bernardo do Campo, Aldino Pinotti [2, p. 24]. Nomes de família italianos ostentados por fábricas e lojas de móveis também lembram os antigos colonos. Outras vezes tais nomes designam bairros rurais: De Marchi, Battistine. A designação "Linha Galvão Bueno" ainda é empregada para discriminar a área outrora ocupada pela seção homônima da colônia. A estrada que lhe serve de eixo ostenta tal nome (rua Galvão Bueno). O frango com polenta, espécie de prato típico de São Bernardo, apreciado por turistas domingueiros e servido em numerosos restaurantes dispersos pelo aglomerado e pela zona rural, igualmente nos faz lembrar o elemento peninsular que o introduziu ali [2, p. 24].

BIBLIOGRAFIA CITADA NO TEXTO

1. A GAZETA ESPORTIVA, 19 de março de 1967 — Edição comemorativa ao aniversário de Ribeirão Pires, São Paulo.
2. A GAZETA ESPORTIVA, 19 de agosto de 1967 — Edição comemorativa do 441.º Aniversário de São Bernardo do Campo, São Paulo.
3. BANDEIRA JUNIOR, Antonio Francisco — A Indústria no Estado de São Paulo. São Paulo, Typ. do Diário Oficial, 1901.
4. BEAJEU-GARNIER, Jaqueline e CHABOT, Georges — Traité de Géographie Urbaine. Paris, Armand Colin, 1963.
5. BERNARDES, Lysia Maria Cavalcanti — Problemas de utilização da terra nos arredores de Curitiba. Rev. Brasil. Geog., 18 (2): 271 —..., 1956.
6. CHAVES, Elias Antonio Pacheco; JAGUARIBE FILHO, Domingos José Nogueira; CARVALHO, Joaquim José Vieira; PINTO, Adolpho Augusto; MARQUES, Aurélio da Silva (Comissão Central de Estatística) — Relatório apresentado ao Exmo Sr. Presidente da Província de São Paulo. São Paulo, King, 1888.
7. JOYNER, Henry B. Planta da Cidade de São Paulo. 1881.
8. LUNÉ, José Baptista; FONSECA, Paulo Delfino — Almanak da Província de São Paulo para 1873. — São Paulo, Typ. Americana, 1873.
9. MARQUES, Manoel Eufrazio de Azevedo — Apontamentos históricos, geográficos, bibliográficos, estatísticos e noticiosos da Província de São Paulo. Rio de Janeiro, Laemmert, 1879.
10. MARTINS, Antonio Egídio — São Paulo Antigo. Primeiro volume, Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1911; Segundo volume, São Paulo, Typ. do Diário Oficial, 1912.
11. MATTOS, Dirceu Lino de — Vinhedos e Viticultores de São Roque e Jundiá (São Paulo). São Paulo, Faculdade de Ciências Econômicas, Universidade de São Paulo, São Paulo 1958.
12. MENDES, Renato da Silveira — Os bairros da zona Sul e os bairros ocidentais. (Capítulo V do volume III de A Cidade de São Paulo — Estudos de Geografia Urbana), São Paulo, Companhia Editôra Nacional, 1958.

13. **MOURA, Paulo Cursino de** — São Paulo de Outrora (Evocação da Metrópole) São Paulo, Martins, 1954, 3.a edição.
14. **PLANTA GERAL DA CAPITAL DE SÃO PAULO**, organizada sob a direção do Dr. Gomes Cardim — 1897 — escala 1:20.000.
15. **PENTEADO, Antônio Rocha** — Os subúrbios de São Paulo e suas funções — (Capítulo I do volume IV de A Cidade de São Paulo Estudos de Geografia Urbana) São Paulo, Companhia Editôra Nacional, 1958.
16. **RAFFARD, Henrique** — Alguns dias na paulicéia. In Revista. Trimensal do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, tomo IV, parte II, Rio de Janeiro, 1892.
17. **RECENSEAMENTO GERAL DO BRASIL, 1900.**
18. **RELATÓRIO DO MINISTÉRIO DA AGRICULTURA**, Rio de Janeiro, 1877.
19. **RELATÓRIO DO MINISTÉRIO DA AGRICULTURA**, Rio de Janeiro, 1878.
20. **RELATÓRIO DO MINISTÉRIO DA AGRICULTURA**, Rio de Janeiro, 1879.
21. **RELATÓRIO DO MINISTÉRIO DA AGRICULTURA**, Rio de Janeiro, 1880.
22. **RELATÓRIO DA SECRETARIA DA AGRICULTURA DO ESTADO DE SÃO PAULO** — São Paulo, 1892.
23. **RELATÓRIO DA SECRETARIA DA AGRICULTURA DO ESTADO DE SÃO PAULO** — São Paulo, 1893.
24. **RELATÓRIO DA SECRETARIA DA AGRICULTURA DO ESTADO DE SÃO PAULO.** — São Paulo, 1894.
25. **RELATÓRIO DA SECRETARIA DA AGRICULTURA DO ESTADO DE SÃO PAULO** — São Paulo, 1895.
26. **RELATÓRIO DA SECRETARIA DA AGRICULTURA DO ESTADO DE SÃO PAULO** — São Paulo, 1897.
27. **RIBEIRO, José Jacintho** — Chronologia Paulista, (3 volumes) São Paulo, 1899.
28. **SILVA, Raul de Andrada e** — A Cidade de Santo André sua fundação industrial. In Revista do Arquivo Municipal, ano VII, volume LXXIX, São Paulo, 1941.
29. **ZENHA, Edmundo** — A colônia alemã de Santo Amaro — sua instalação em 1829, in Revista do Arquivo Municipal, ano XVI, volume CXXXII (1950), São Paulo.